

ESCRITÓRIO DAS NAÇÕES UNIDAS
SOBRE DROGAS E CRIME
Viena

Manual contra o tráfico de pessoas para profissionais do sistema de justiça penal

Módulo 3:

Reações psicológicas das vítimas de tráfico de
pessoas

Tradução não oficial financiada por



MINISTÉRIO DA ADMINISTRAÇÃO INTERNA
Lisboa, 2010



ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS
Nova Iorque, 2009

As designações empregues e a apresentação dos conteúdos desta publicação não correspondem à expressão de qualquer opinião do Secretariado das Nações Unidas relativamente ao estatuto legal de qualquer país, território, cidade ou área, ou das suas autoridades, ou relativamente às suas fronteiras ou delimitações. Os países e áreas são referidos pelos seus nomes oficiais à data de recolha dos dados relevantes.

Esta publicação não foi formalmente editada.

Tradução coordenada por  **OISH** OSERVATÓRIO DO TRÁFICO DE SERES HUMANOS
OBSERVATORY ON TRAFFICKING IN HUMAN BEINGS

ISBN: 978-989-95928-6-5

Módulo 3:

Reações psicológicas das vítimas de tráfico de pessoas

Objetivos

No final deste módulo, os utilizadores deverão ser capazes de:

- Compreender a forma como o processo de tráfico de pessoas afeta a saúde da vítima;
- Identificar a natureza dos problemas de saúde sofridos pelas vítimas devido à exploração;
- Compreender como as condições de saúde de uma vítima podem afetar a investigação e o procedimento criminal por crime de tráfico de pessoas;
- Definir quais as estratégias adequadas a adotar pelos profissionais do sistema de justiça para que as vítimas colaborem no procedimento criminal.

Introdução

Este módulo centra-se principalmente nos efeitos da exploração e do abuso sexual em vítimas de tráfico de pessoas. Começa por uma descrição geral das reações psicológicas e, em seguida, descreve algumas das experiências traumáticas mais comuns das vítimas antes e durante o tráfico. Os efeitos destas experiências são, em seguida, enumerados e explicados.

Por fim, este capítulo aborda as implicações que estas reações podem ter para os investigadores, sugerindo métodos para evitar uma nova vitimização, ajudando a iniciar o processo de recuperação. Este capítulo faculta também orientação sobre como minimizar o impacto que as reações psicológicas das vítimas podem ter nas investigações.

É muito escassa a informação sobre a saúde física ou psicológica das vítimas de tráfico. Uma grande parte deste capítulo baseia-se na investigação desenvolvida pela Escola de Higiene e Medicina Tropical de Londres (London School of Hygiene and Tropical Medicine), em conjunto com ONG¹.

¹ Consulte: Zimmerman, C, Hossain, M, et. al. 2006 Stolen Smiles. The physical and psychological health consequences of trafficking in women em www.lshtm.ac.uk/genderviolence

Reações psicológicas das vítimas de tráfico

A maioria das vítimas de tráfico terá sofrido um ou mais episódios traumáticos e terão adotado defesas psicológicas para lidar com os efeitos destes episódios. Para começar a compreender estas reações é, em primeiro lugar, importante compreender o que é um «trauma».

O que é um trauma? De acordo com os especialistas em traumas:

«Um trauma ultrapassa a capacidade adaptativa quer biológica quer psicológica da vítima. O indivíduo não possui mecanismos de defesa capazes de lidar com a situação em causa. Tal ocorre quando os recursos internos e externos são inadequados para lidar com a ameaça externa.»²

As experiências traumáticas sofridas pelas vítimas de tráfico são frequentemente complexas, múltiplas e podem ocorrer durante um longo período de tempo. Para muitos indivíduos que são vítimas de tráfico, os abusos ou outros eventos traumatizantes podem ter tido início muito antes do processo de tráfico.

Foram feitos alguns estudos relacionados com traumas em casos de tráfico, embora em número muito reduzido. Até agora, os estudos efetuados tendem a concentrar-se no tráfico para exploração sexual, mas não cobrem vítimas de todas as origens. No entanto, os estudos oferecem algumas orientações e conclusões, especialmente quando considerados à luz do que se sabe, em geral, sobre o trauma e a partir de experiências de todo o mundo. É essencial que tenha conhecimento destas conclusões e que consiga identificar de que forma podem afetar o trabalho dos profissionais do sistema de justiça penal.

Não existem duas vítimas iguais e o impacto que o tráfico tem sobre cada uma varia. Não é possível saber de antemão como reagem ou deveriam reagir os indivíduos. Deverá considerar individualmente cada pessoa, de acordo com as suas características. Cada indivíduo reagirá, face ao profissional, de forma diferente. Não espere que uma vítima o encare como o seu salvador ou libertador: algumas poderão fazê-lo, mas muitas poderão vê-lo como um interlocutor que não é bem-vindo, o que poderá complicar ainda mais uma situação já de si complexa.

Caso uma vítima reaja de uma forma hostil ou agressiva, tal poderá não estar relacionado consigo, com o seu papel ou com a organização para a qual trabalha. As vítimas poderão ter adotado estas defesas e emoções para conseguirem lidar com o seu problema ou para sobreviverem ao mesmo. É provável que reajam da mesma forma perante qualquer outra pessoa.

Nem todas as vítimas reagirão à investigação com hostilidade mas, em muitos casos, é isso que acontece. Não encare este facto como culpa sua ou da vítima e não responda de forma negativa a qualquer tipo de hostilidade. Caso o faça, é muito pouco provável que consiga criar o relacionamento empático necessário com a vítima.

Confrontar e interrogar diretamente a vítima cedo demais poderá levar ao seu alheamento e provocar-lhe novo trauma. Questionar a credibilidade de uma vítima, tratá-la como suspeito ou duvidar da sua história poderá, com toda a probabilidade, evocar nela a mesma posição defensiva mantida durante o período em que foi vítima.

² Saporta, J. and B.A. van der Kolk, *Psychobiological consequences of trauma, em Torture and its consequences: Current treatment approaches*, M. Basoglu, Editor. 1992, Cambridge University Press: Cambridge.

Tal destruirá certamente qualquer hipótese de cooperação. Evite esta abordagem a todo o custo. Com uma abordagem ponderada, metódica e sem juízos de valor, a vítima tem mais hipóteses de revelar a verdade, independentemente de qual seja. Na maioria dos casos, o profissional terá a oportunidade de exprimir posteriormente as suas preocupações ou dúvidas.

Não é provável que já se tenha deparado com pessoas que tenham sofrido a extensão de abusos repetidos que sofrem as vítimas de tráfico. Mesmo assim, poderão existir algumas semelhanças com casos com os quais já lidou. As vítimas de violência doméstica sistemática sofrem frequentemente níveis de agressão, abuso e controlo semelhantes aos das vítimas de tráfico para exploração sexual.

Os níveis de trauma psicológico sofridos por algumas vítimas (antes ou durante o processo de tráfico) podem ser tão elevados que as incapacitem de testemunhar em tribunal ou mesmo prestar um depoimento que possa ser utilizado como base para informações. Deverá estar sempre preparado para, se necessário, interromper uma entrevista e procurar ajuda imediata para a vítima. Por outro lado, é também possível que algumas vítimas que inicialmente apresentam fortes reações emocionais, com o tempo, aconselhamento e apoio profissional, se tornem testemunhas perfeitamente capazes.



Exemplo³

Quando Elena foi atraída para uma cidade de província, enclausurada e violada por diversos indivíduos, vivia num país da Europa Central e tinha 20 anos. Quando os seus raptos decidiram que já estava suficientemente quebrada, começaram a pressioná-la para se prostituir. Rapidamente, Elena descobriu que estavam a preparar-lhe documentos falsos para que a pudessem levar para o estrangeiro. Desesperada e desejosa de fugir, saltou do segundo andar do edifício onde estava presa. A polícia encontrou-a desamparada e em choque e levou-a para o hospital, onde lhe foi diagnosticado stress pós-traumático.

Elena era uma mulher jovem e enérgica com muitos interesses e uma boa educação. Não havia qualquer historial de violência ou abuso na sua família. A sua vida mudou radicalmente após ter sido vítima de tão brutal tentativa de atração para a prostituição. Decidiu que iria lutar para ajudar a impedir que os traficantes abusassem de outras jovens mulheres. Apresentou imediatamente queixa na polícia. Este caso ocorreu há mais de oito anos. Nenhum dos acusados foi, até hoje, julgado.

Elena dedicou a sua vida ao processo legal, gastando o seu dinheiro para pagar advogados e outras despesas legais. Sofre de ansiedade constante. O que mais a preocupa é o facto de a sua memória ter começado a apagar o episódio traumático. Após oito anos, quase não se recorda de detalhes concretos dos horrores que viveu, mas ainda terá de testemunhar em tribunal. Além disso, se o caso não for julgado em breve, o prazo legal de prescrição esgotar-se-á. De momento, Elena recebe apoio por parte de ONG.

³ La Strada International, *Violation of Women's Rights - A cause and consequence of trafficking women*, 2008.



Autoavaliação

Este caso configurará um crime de tráfico de pessoas ou de auxílio à imigração ilegal?
Que tipo de reações psicológicas pensa que poderia aqui identificar?
Quais são as consequências das reações psicológicas da vítima no procedimento criminal?

Experiências traumáticas mais comuns

Existem dois fatores que se consideram como especialmente sugestivos de uma forte reação ao trauma que a vítima está a viver:

- Imprevisibilidade dos acontecimentos;
- Incontrolabilidade dos acontecimentos.⁴

Estas duas características são talvez as que definem de forma mais adequada uma situação de tráfico, particularmente a segunda.

A seguinte lista descreve as formas de controlo habitualmente utilizadas por aqueles que estão na posse de uma pessoa traficada.

Restrição de movimentos

Por definição, o processo de tráfico envolve retirar a autonomia às vítimas. Isto aplica-se a todas as formas de tráfico. Sabe-se que o controlo cobre todos os aspetos da vida, até os mais íntimos: quando a vítima come, vai à casa de banho, trabalha, dorme, para onde se desloca e com quem está. Em alguns casos, a vítima pode ter sido controlada desde o início, por exemplo, no caso de ter sido raptada. Noutros casos, o controlo inicial poderá ter sido relativamente fraco, aumentando progressivamente e tornando-se mais forte à medida que se aproxima a fase de exploração/local de destino.

O controlo poderá ser subtil, envolver ameaças diretas ou implícitas ou fazer a vítima sentir-se responsável pelo seu próprio comportamento. As vítimas de exploração sexual podem receber uma pequena quantia de dinheiro pelo que fazem; outras podem envolver-se em pequenos delitos como, por exemplo, furtos em lojas, mendicância ou trabalho em atividades ilegais como o tráfico de estupefacientes. Tal pode criar sentimentos de culpa e vergonha, o que torna ainda mais difícil contar a alguém o que aconteceu.

⁴Basoglu, M. and S. Mineka, "The role of uncontrollable and unpredictable stress in post-traumatic stress responses in torture survivors", in *Torture and its consequences: Current treatment approaches*, M. Basoglu, Editor. 1992.

Os níveis de controlo podem divergir de acordo com o tipo e o perpetrador do tráfico de pessoas. No que diz respeito ao tráfico para exploração sexual, estudos demonstram que, em certos locais, apenas 3% das vítimas relataram que «estiveram sempre livres». Alguns comentários por parte destes 3% revelaram, no entanto, uma história bem diferente. Por exemplo, «Sempre estive (livre), podia sair quando quisesse, mas sempre acompanhada».

Controlos desta abrangência e intensidade significam que as vítimas podem ficar com medo ou incapazes de tomar decisões, mesmo as mais insignificantes.

Violência

As vítimas podem ter sido sujeitas a violência antes e durante o processo de tráfico.

A violência antes do tráfico já foi observada num número substancial de vítimas de tráfico para exploração sexual - cerca de 60% afirmaram num estudo que sofreram alguma forma de violência prévia.⁵ Não foi ainda pesquisada a violência ocorrida antes do tráfico para outras formas de tráfico que não o relacionado com a exploração sexual.

Uma vez envolvidas no processo de tráfico, as vítimas podem ser sujeitas a uma série de ações violentas, desde ameaças a agressões graves. Mais uma vez, a intensidade da violência varia. Em casos de exploração sexual, cerca de 70% das mulheres relataram violência física e 90% violência sexual durante o tráfico.⁶ As crianças recrutadas/raptadas para combater como soldados foram controladas através de agressões e violações.⁷ O cenário, no que diz respeito aos casos de servidão doméstica, não é claro, mas sugere que são normalmente utilizadas agressões por parte dos «empregadores» no intuito de controlar as vítimas.

São frequentemente utilizadas ameaças de diversos tipos por parte dos traficantes com o intuito de controlar as vítimas; estas ameaças podem ser dirigidas à própria vítima, à sua família ou aos seus amigos. As ameaças podem consistir em violência direta sobre uma pessoa específica ou na ameaça de denúncia às autoridades, por exemplo, quando a vítima está ilegal nalgum local ou quando tenha estado envolvida em atividades criminosas. As ameaças podem ser implícitas, por exemplo, fazendo com que a vítima testemunhe o abuso de outro indivíduo nas mesmas circunstâncias ou simplesmente dando-lhe a entender que o traficante faz parte de um grupo muito violento.

O poder destas ameaças não deve ser subestimado. Mesmo quando os traficantes não estão em posição de levar a cabo as ameaças, a vítima pode acreditar que estão. Pode ter atravessado muitos territórios, levada por um grupo que parece poderoso, sofisticado, organizado e com ligações em muitos locais; estas poderão incluir autoridades e outros funcionários. Os traficantes podem ter demonstrado ser capazes de agir com violência.

⁵ Zimmerman, C., M. Hossain, et al. "The health of trafficked women: A survey of women entering posttrafficking services in Europe." *American Journal of Public Health* 98: 55-59, 2008.

⁶ Zimmerman, C., M. Hossain, K. Yun, B. Roche, L. Morison, and C. Watts. *Stolen smiles. The physical and psychological health consequences of trafficking in women*. London School of Hygiene & Tropical Medicine: London, 2006.

⁷ Anderson, B. *Doing the dirty work*. Assoziation A, 2005.

Oitenta e nove por cento das mulheres entrevistadas num estudo relacionado com o tráfico para exploração sexual referiram que tinham sido ameaçadas durante o período em que foram traficadas. Num número significativo de casos, as famílias das vítimas ou pessoas suas conhecidas haviam estado envolvidas no seu tráfico.⁸

Abusos

As vítimas podem ter sofrido abusos ainda que não violência física direta, antes e durante o tráfico. A noção de abuso deverá ser compreendida de forma abrangente, incluindo, por exemplo, o abuso verbal ou psicológico, a privação ou outros comportamentos controladores ou prejudiciais que afetam negativamente um indivíduo.

Em alguns locais, descobriu-se que as vítimas de tráfico provinham de ambientes ou famílias disfuncionais. Os exemplos incluem vítimas cujos pais eram viciados em álcool ou estupefacientes, que testemunharam ou experienciaram episódios de violência doméstica, que ficaram órfãs enquanto crianças, que não tinham casa ou cuja saúde e segurança foram afetadas por condições terríveis, guerra, agitação civil, fraca alimentação ou falta de acesso à educação.

Durante o processo de tráfico, as vítimas podem ter sido forçadas a trabalhar muitas horas com intervalos limitados. Poderão não ter tido acesso a alimentos nutritivos, equipamento protetor, quantidades adequadas de líquidos, roupa limpa, a higiene pessoal ou cuidados médicos.

Múltiplos traumas

À medida que for lendo estes módulos, começará a compreender de que forma as investigações relacionadas com o tráfico de pessoas são diferentes de outros tipos de investigações. Uma diferença significativa entre este tipo de trauma e muitos outros é o facto de as vítimas terem sofrido episódios traumáticos recorrentes e muitas vezes contínuos durante vários períodos das suas vidas, talvez por parte de diferentes agentes. Embora isto não deva ser encarado como uma forma de minimizar o trauma encontrado noutros casos, descobriu-se que o facto de se sofrer abusos ou traumas múltiplos ou repetidos provoca efeitos mais negativos do que um único trauma.⁹

A ansiedade de uma vítima pode ser difícil de solucionar visto que muitas enfrentam ainda perigos reais relacionados com a sua experiência de tráfico, mesmo depois de serem retiradas do local de exploração. É necessário recordar que um estudo sobre tráfico de mulheres indicou que 89% tinham sido ameaçadas durante o período de tráfico e que em 36% dos casos os traficantes ameaçaram as suas famílias.¹⁰ Além disso, muitas foram traficadas por membros da família ou por alguém do seu local de origem. Estudos demonstraram que as mulheres traficadas continuam a receber ameaças pessoalmente por telefone, e dirigidas a si próprias ou às suas famílias, e que a proteção por parte das autoridades tem sido extremamente limitada.¹¹ Por esta razão, quando uma pessoa mostra medo e ansiedade, é necessário ter em conta que tal poderá constituir uma resposta adequada da vítima face a um perigo real.

⁸ Zimmerman C, Hossain M, Pearson, E., 2002. "Human traffic, human rights: Redefining victim protection". London: *Anti-slavery International*, 2006.

⁹ Green, B.L. , Goodman, L. A, Krupnick, J.L., Corcoran, C.B., Petty, R.M. , Stockton, P., and Stern, N.M., "Outcomes of single versus multiple trauma exposure in a screening sample". *Journal of Traumatic Stress*. 13(2): p. 271-286, 2000.

¹⁰ Zimmerman C, Hossain M, et. al. 2006.

¹¹ Pearson, E.. "Human traffic, human rights: Redefining victim protection". London: *Anti-slavery International*, 2002.



Autoavaliação

Quais são as experiências traumáticas mais comuns nos casos de tráfico de pessoas?

Que sintomas produz o trauma?

A parte seguinte deste módulo aborda o efeito que o trauma poderá ter na saúde das vítimas. Os investigadores têm um dever geral de cuidar das vítimas, mas essa não é a razão principal pela qual esta questão é aqui discutida. É necessário que investigue crimes relacionados com o tráfico de pessoas da forma mais eficaz e eficiente possível. Não poderá fazê-lo a menos que esteja consciente da forma como a saúde das vítimas pode ser afetada e do que deverá fazer para garantir que a sua investigação toma em consideração os problemas que este facto coloca.

O estado atual do conhecimento sobre os problemas de saúde provocados pela violência física e sexual mostra que, quando os abusos são frequentes e graves, é provável que resultem numa série de problemas de saúde, incluindo danos físicos, problemas de saúde sexual, problemas de saúde somáticos crónicos e problemas mentais a longo prazo.

Sintomas concorrentes ¹²

Imediatamente após uma experiência de tráfico, a maioria das mulheres fica simultaneamente com problemas de saúde mental e física. Num estudo feito a vítimas de tráfico na Europa, 0 a 14 dias depois da experiência de tráfico, mais de 57% das mulheres tinham 12 ou mais sintomas físicos que causavam dores ou desconforto.

Após 28 dias, 7% ainda revelavam onze ou mais sintomas; um número que permaneceu nos 6% após 90 dias.

Diversos sintomas de perturbações mentais permaneceram durante muito mais tempo. Mais de 70% das mulheres relataram dez ou mais sintomas de perturbações mentais associados a depressão, ansiedade e hostilidade nos primeiros 14 dias. Após 28 dias, 52% ainda sofriam de dez ou mais sintomas de perturbações mentais concorrentes, e só 90 ou mais dias depois é que este nível de sintomas pareceu diminuir.

Neste estudo, as reações psicológicas das mulheres foram múltiplas e severas, sendo comparáveis ou mesmo ultrapassando em gravidade os sintomas apresentados por vítimas de tortura.

Sintomas físicos ¹³

¹² Zimmerman C, Hossain M, 2006.

¹³ Zimmerman C, Hossain M, 2006.

Fadiga e perda de peso, sintomas neurológicos e problemas gastrointestinais foram os problemas mais referenciados. Geralmente, a proporção de mulheres a relatar vários problemas diminuiu entre cada entrevista.

Uma maioria significativa das vítimas (82%) referiu que ficava «facilmente cansada» durante a primeira entrevista. As queixas na primeira entrevista de fadiga acentuada permaneceram comuns. Mesmo 90 dias depois do evento de tráfico, 41% das vítimas referiram que se sentiam cansadas.

Muitas vítimas dormiram pouco por terem sido forçadas a executar atividades esgotantes durante longos períodos de tempo. A privação de sono crônica ou prolongada não afeta apenas a capacidade de um indivíduo se concentrar e pensar com clareza, mas também enfraquece o sistema imunitário e a capacidade de suportar a dor.

Sintomas de perturbações mentais

Depressão, ansiedade e hostilidade são sintomas frequentemente detetados em vítimas de tortura e de outros acontecimentos traumáticos. Estes sintomas foram também identificados num estudo anterior sobre a saúde das mulheres traficadas como reações psicológicas proeminentes.

Mais uma vez, no estudo sobre mulheres que foram auxiliadas na Europa, descobriu-se que os seus níveis de perturbação mental eram muito mais elevados do que os da população feminina em geral. Quando estavam ao cuidado de ONG, os sintomas diminuíram, mas esta diminuição ocorreu de forma muito lenta e pouco significativa. Mesmo após três meses de cuidados, os níveis de depressão relatados faziam com que as vítimas se incluíssem ainda nos 10% de mulheres mais deprimidas quando comparadas com a população feminina média. Os níveis de ansiedade e hostilidade não estavam tão elevados, mas ainda se encontravam muito acima da média. Estes fatores podem impedir as vítimas de tráfico de regressarem às suas atividades diárias normais, como o cuidar da família, o emprego ou a educação.¹⁴

Para o investigador, estes níveis elevados de sintomas sugerem a necessidade de abordagens extremamente sensíveis e atempadas no que diz respeito a interrogar a vítima.

Poderá existir perigo real mesmo depois de uma mulher ter sido retirada de uma situação de tráfico; por si só, a retirada não reduzirá necessariamente os níveis de ansiedade sintomática.

Uma expressão de hostilidade por parte de uma vítima poderá ser surpreendente para alguns investigadores, que estão à espera de encontrar vítimas debilitadas, em lágrimas e/ou assustadas. Contudo, a hostilidade é uma resposta bem conhecida ao trauma. Será bastante comum uma vítima estar «aborrecida ou ficar facilmente irritada», «ficar facilmente zangada», «irritada com tudo» e ter «acessos de fúria».¹⁵ Mais uma vez, mesmo que estes sentimentos diminuam, é provável que voltem a emergir dependendo das situações de tensão que a vítima venha a enfrentar.

Não é invulgar que as vítimas que tenham sido agressivas tenham remorsos, fiquem confusas e se sintam envergonhadas pelo seu comportamento. Num estudo europeu, as mulheres

¹⁴ Zimmerman C, Hossain M, et. al. 2006.

¹⁵ Ibid.

descreveram a sua irritabilidade relatando ações de agressão como, por exemplo, bater em paredes, atirar objetos e bater noutras pessoas.

Stress pós-traumático

O stress pós-traumático (SPT) é um termo que descreve uma perturbação mental causada, em parte, pela exposição a um ou mais episódios traumáticos. Este problema manifesta-se numa série de sintomas psicológicos graves identificados em pessoas que foram expostas a uma experiência que ameaçou a sua vida e que as traumatizou.

O stress pós-traumático foi identificado formalmente e pela primeira vez em veteranos da guerra do Vietname, mas já tinha sido previamente detetado e denominado de diversas formas, muito frequentemente com termos associados à guerra, como por exemplo «choque pós-guerra», encontrado em soldados da Primeira Guerra Mundial, ou «fadiga de combate» na Segunda Guerra Mundial.

Foram concebidas várias escalas de stress pós-traumático. Exemplos de sintomas comuns avaliados incluem pensamentos/recordações recorrentes de eventos assustadores, dificuldades em dormir e incapacidade de sentir emoções.

A perturbação de stress pós-traumático é normalmente identificada em pessoas que pertençam, por exemplo, à polícia ou ao exército, sendo também uma consequência de experiências, tais como violações ou acidentes graves, mesmo que estes sejam eventos traumáticos únicos.

Quase todas as pessoas que sofrem uma experiência traumática têm sentimentos de choque, angústia e reajustamento; nem todas as pessoas que vivem um evento traumático desenvolverão stress pós-traumático. O stress pós-traumático não deverá ser confundido com a resposta normal a um episódio perturbante.

Para vítimas de tráfico, os eventos traumáticos vividos são muitas vezes repetitivos e prolongados, o que, por vezes, poderá permitir distinguir as suas reações das de pessoas que sobreviveram a um único evento que ameaçou a sua vida. Para muitas pessoas que trabalharam com vítimas de traumas repetidos, como por exemplo vítimas de violência doméstica, este tipo de medo/abuso repetitivo é considerado como uma síndrome diferente: ou seja, como stress pós-traumático complexo.

A distinção entre stress pós-traumático e stress pós-traumático complexo é importante para os investigadores, porque realça o facto de a reação a um trauma contínuo ser, na realidade, uma reorganização fisiológica dos instintos ou das respostas naturais dos indivíduos que os torna hiperpreparados para responder a eventos de tensão.

Uma característica comum do stress pós-traumático é a tendência para os sintomas diminuírem ao longo do tempo na maioria das pessoas – apesar de poderem, em certos casos, persistir e levar a problemas psiquiátricos de longo prazo, bem como voltar a emergir em alturas de tensão.

Estudos sobre vítimas de tráfico (particularmente no caso da exploração sexual) descobriram que estas apresentam muitos sintomas de stress pós-traumático. Um padrão de declínio constante dos sintomas foi também encontrado, apesar de os níveis de diminuição variarem de acordo com estes. Outra característica comum do stress pós-traumático refletida em estudos sobre o tráfico de pessoas é o facto de algumas das vítimas ainda terem sintomas algum tempo após o tráfico ou a sua retirada do local de exploração. No estudo efetuado na Europa, ocorreu uma redução mais significativa dos sintomas depois de as mulheres estarem num centro de cuidados pós-tráfico durante aproximadamente 90 dias.¹⁶

O impacto do stress pós-traumático nas vítimas de outras formas de tráfico não foi ainda documentado de forma suficiente, mas episódios esporádicos sugerem que se encontra em todos os tipos de tráfico. Alguns desses tipos (por exemplo, crianças soldado) provocam traumas óbvios que podem ser prolongados e de tal forma intensos que, muito provavelmente, conduzirão a stress pós-traumático.

Consequências para os profissionais do sistema de justiça penal

Esta secção abordará questões relacionadas com a obtenção de um depoimento de uma pessoa que sofra do leque de sintomas apresentados por vítimas de tráfico que tenham sido sexualmente abusadas ou exploradas.

Comportamento da vítima

O comportamento da vítima poderá incluir:

- Hostilidade para com o investigador ou procurador. A vítima poderá ter aprendido que qualquer ação que coloque em causa o domínio dos traficantes poderá conduzir a violência imediata. Poderá, assim, evitar colaborar com as autoridades competentes;
- Falta de cooperação com a investigação ou com o procedimento criminal;
- Perda de memória, lapsos, discrepâncias, originando:
 - alterações do depoimento;
 - incapacidade de se recordar de pormenores;
 - capacidade de recordar detalhes fundamentais de um incidente traumático, mas não detalhes periféricos, como, por exemplo, descrições de roupas, quartos ou veículos;

¹⁶ Ibid.

- bloqueio da memória dos eventos mais ameaçadores para a própria vida (por exemplo, dissociação);

- Acessos de fúria aparentemente irracionais;
- Desorientação depois de sair de uma situação de controlo e trauma contínuos;
- Ansiedade contínua apesar de estar aparentemente «em segurança»;
- Maior necessidade de intervalos, descanso e sono do que se poderia esperar;
- Reconstituição e recordação: para muitas vítimas, existe um período de reconstrução à medida que processam o que lhes aconteceu. As vítimas reinterpretem os eventos e tentam lidar com a sua experiência de forma a encontrarem uma explicação para o que aconteceu ou para avaliarem o evento.

O que deve (ou não deve) fazer:

- Leve a vítima para um ambiente seguro longe dos traficantes ou das pessoas associadas aos traficantes.
- Sempre que possível, evite entrevistas demasiado cedo. Entrevistar uma vítima antes da altura certa irá, em muitos casos, forçar em demasia a sua capacidade de se lembrar e de lidar com as memórias dilacerantes, podendo colocar em causa a consistência do depoimento que irá obter.
- As vítimas deverão estar estáveis antes de serem entrevistadas detalhadamente sobre o que lhes aconteceu.
- Esta estabilização poderá envolver a participação de profissionais de saúde (avaliação médica e psicológica para tratamento dos sintomas psicológicos e físicos), assistentes sociais e pessoas que facultam serviços de aconselhamento e acomodação.
- Ao entrevistar a vítima, faça-o num local confortável e seguro, com roupa simples. Quando é necessário um depoimento inicial, este deverá ser um relato livre e (sempre que possível) deverá ser feito sem recorrer a quaisquer questões. No entanto, lembre-se que a vítima poderá dizer algo que precise de ser corroborado e/ou clarificado, para evitar que algo de mau lhe aconteça (à vítima) ou a outrem.
- Durante a entrevista utilize medidas simples como, por exemplo, permitir-lhe a escolha da comida, devolvendo-lhe assim uma sensação de controlo.
- Comece a planear a acomodação e o apoio assim que possível. Estabeleça contacto e coordene-se com organizações privadas ou entidades públicas para gizar planos e relações funcionais de acomodação e apoio antes de se envolver numa investigação de tráfico. Assim, terá opções disponíveis através de organizações que, de alguma forma, concordaram em ajudar. Caso se envolva numa investigação pró-ativa, faça-o a partir do início; caso se trate de uma investigação reativa, faça planos antecipados assim que se aperceber que poderá necessitar de acomodar uma vítima.
- Se possível, tome medidas para evitar que pessoas sob ameaça como, por exemplo, membros da família ou outros entes queridos da vítima sejam magoados.
- Evite a vitimização secundária. A vitimização secundária refere-se à vitimização que ocorre não como resultado direto da ação criminosa, mas através da resposta das instituições e dos indivíduos insensíveis às necessidades e ao estado vulnerável da vítima.

Todo o processo de investigação criminal e julgamento poderá provocar uma vitimização secundária devido à dificuldade em equilibrar os direitos da vítima com os direitos do acusado ou infrator ou até devido ao facto de as necessidades e a perspectiva da vítima serem totalmente ignoradas.



Autoavaliação

Quais são as consequências das reações psicológicas na investigação e procedimento criminal relativo ao tráfico?

De que forma se poderá minimizar o impacto destas reações?

Resumo

- As vítimas de tráfico são normalmente expostas a experiências traumáticas devido à sua incapacidade de prever e controlar os eventos durante o processo de tráfico;
- O trauma ocorre quando a vítima deixa de ter capacidade biológica e psicológica para lidar com a ameaça externa;
- As experiências traumatizantes incluem:
 - Restrição de movimentos;
 - Violência contra a vítima;
 - Abuso.
- O efeito dos traumas na saúde das vítimas inclui:
 - Problemas de saúde física e mental;
 - Fadiga e perda de peso, sintomas neurológicos e problemas gastrointestinais;
 - Cansaço;
 - Depressão, ansiedade e hostilidade.
- O stress pós-traumático (SPT) ocorre mais frequentemente em vítimas de tráfico do que noutras vítimas dado que a sua exposição a um ou mais eventos traumáticos ocorre durante um período de tempo prolongado.
- O comportamento das vítimas perante os profissionais de justiça penal poderá incluir:
 - Hostilidade e falta de cooperação;
 - Perda de memória, lapsos e discrepâncias no discurso;
 - Acessos de fúria e irracionalidade;
 - Ansiedade contínua e desorientação.
- Poderá minimizar o impacto que as reações psicológicas da vítima podem ter sobre a investigação e o procedimento criminal das seguintes formas:
 - Resolva as necessidades imediatas da vítima antes de iniciar a inquirição;
 - Faça diversos intervalos durante as entrevistas;
 - Não fale do assunto exceto na altura da entrevista;

- Faculte assistência e consultas médicas;
- Faculte refúgios ou abrigos confortáveis, bem como outros serviços de apoio;
- Se possível, garanta à vítima que estão a ser tomadas medidas para evitar que os membros da sua família, ou outros entes queridos, sejam magoados;
- Nunca faça promessas que não possa cumprir!

